**“A escola é o corre pra você ir embora”: a escolarização na perspectiva do adolescente autor de ato infracional em cumprimento de medida socioeducativa de internação.**

Autora principal: Valéria Regina Valério de Carvalho

Mestre em Educação pela Universidade Federal de São Paulo (Unifesp)

E-mail: valeria250485@gmail.com

Co-autora: Profa. Dra. Marieta Gouvêa de Oliveira Penna

Universidade Federal de São Paulo (Unifesp)

E-mail: marieta.penna@yahoo.com.br

**Considerações iniciais**

Neste artigo serão apresentados os resultados da pesquisa *“O sentido do trabalho escolar para o adolescente em cumprimento de medida socioeducativa de internação”* (CARVALHO, 2017), que teve como tema, a relação do aluno que cumpre medida socioeducativa de internação com os processos de escolarização.

O estudo teve origem, a partir da experiência profissional da pesquisadora, como pedagoga, na Fundação CASA (Centro de Atendimento Socioeducativo ao Adolescente), e fundamentou-se como dissertação de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de São Paulo (Unifesp).

A pesquisa teve como objetivo compreender o sentido do trabalho escolar desenvolvido na Fundação CASA, a partir da perspectiva do adolescente autor de ato infracional em cumprimento de medida socioeducativa de internação.

Por meio da pesquisa, pretendeu-se problematizar sobre a relação que estes adolescentes estabelecem com a escola, por meio da análise de suas trajetórias anteriores até a atual situação escolar, vivenciada na referida Fundação.

O problema de pesquisa foi traduzido por meio da seguinte questão: Qual o sentido do trabalho escolar desenvolvido na Fundação CASA pelo adolescente que cumpre medida socioeducativa de internação? Desta questão central, derivaram questões secundárias, que auxiliaram na compreensão do problema de pesquisa: Como se deram as trajetórias escolares vivenciadas por esses jovens antes de sua internação na Fundação Casa? Que relações esses adolescentes estabelecem com o saber, com a escola e com o professor, quando do cumprimento de medida socioeducativa de internação? Ocorre uma relação utilitarista com o saber? De que forma ela se manifesta?

A abordagem adotada na pesquisa foi qualitativa, ou seja, foram consideradas as características, enunciadas por Triviños (1987): ambiente natural como fonte direta de dados e pesquisador como instrumento-chave.

Como procedimento metodológico utilizado com a finalidade de coleta de dados, foram realizadas entrevistas semiestruturadas, com seis adolescentes em cumprimento de medida socioeducativa de internação na Fundação CASA.

Acerca da entrevista semiestruturada, Triviños (1987) a considera enriquecedora para a investigação, pois oferece todas as perspectivas possíveis para que o informante alcance a liberdade e a espontaneidade necessárias à situação, ao mesmo tempo que valoriza a presença do investigador.

Por se tratar de pesquisa a realizar-se com adolescentes, em cumprimento de internação socioeducativa, foram necessárias autorizações específicas, que demandaram uma longa jornada com idas, vindas e frustrações, mas que, ao final culminaram favoravelmente para a realização da pesquisa.

**O longo e árduo percurso em busca de autorizações para realização da pesquisa**

A submissão do projeto inicialmente à Fundação CASA foi feita em julho/2015, com protocolo do projeto no Centro de Pesquisa e Documentação (CPDoc) da Escola para Formação e Capacitação Profissional (EFCP) da Fundação CASA. Em agosto/2015 a instituição indeferiu a realização do projeto, negando a possibilidade de realização do mesmo no âmbito da Fundação CASA, sem apresentação de nenhuma justificativa.

Em contato com a instituição, a fim de saber os motivos do indeferimento e pensar em ajustes para o projeto, informaram que o indeferimento se deu por dois motivos: primeiro, pelo fato de a pesquisadora haver indicado um Centro para realizar a pesquisa, no qual a escola formal ocorria no período da manhã, e como as entrevistas seriam realizadas de manhã, os alunos seriam prejudicados por ausentarem-se da sala de aula para participar das entrevistas; segundo, pela pesquisadora haver colocado no projeto que gravaria o áudio das entrevistas.

O projeto foi readequado, então, para atender às exigências apresentadas pela Fundação CASA, a fim de ser autorizada a realização da coleta de dados com os adolescentes. Na adequação, outro Centro foi indicado como *lócus* de pesquisa, um centro que oferecia as aulas do ensino formal no período da tarde, consequentemente com possibilidade de adequação das agendas dos adolescentes para os atendimentos das entrevistas no período da manhã e foi retirada a sugestão de uso do gravador de áudio como meio de registro das entrevistas, de forma que, agora, estas seriam registradas por escrito em caderno de campo.

O projeto foi novamente submetido à instituição para nova apreciação, em agosto/2015 e, em outubro/2015, foi autorizada pela Diretoria Técnica da instituição a realização da pesquisa. Esta autorização, porém, estava condicionada à obtenção de autorização judicial e dos pais ou responsáveis (caso os participantes da pesquisa tivessem dezoito anos incompletos).

No final de outubro/2015, em reunião com a instituição foi firmado termo de responsabilidade para realização da pesquisa. Na ocasião foram feitos os devidos esclarecimentos acerca do projeto e condições para sua realização. Faltava apenas a autorização judicial e, posteriormente dos responsáveis.

No início de novembro/2015, o projeto foi protocolado no Departamento de Execuções da Infância e Juventude de São Paulo (DEIJ), para obtenção de autorização judicial, que antes de ser expedida passou novamente pelo crivo da Fundação CASA, e ainda pela Defensoria e Promotoria. Decorreram-se dois meses neste processo até o despacho com a autorização judicial, obtido em janeiro/2016.

Neste interim, o projeto foi submetido ao Comitê de Ética e Pesquisa da Unifesp (CEP-Unifesp) e aprovado, mediante a apresentação de cópias das autorizações emitidas pela Fundação CASA e Poder Judiciário e, ainda, dos modelos dos termos a serem utilizados pelos participantes da pesquisa, a saber: Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE (para os pais dos adolescentes com menos de 18 anos), Termo de Assentimento Livre e Esclarecido – TALE (para os adolescentes com 18 anos incompletos) e Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (para jovens com 18 anos completos).

As entrevistas foram iniciadas em janeiro/2016 (ocasião em que a pesquisadora estava em férias de seu vínculo empregatício com a fundação CASA), e duas entrevistas-piloto foram realizadas para testar o roteiro direcionador e, verificar o que seria necessário readequar em relação às questões propostas.

Porém, antes de reaplicá-las aos mesmos adolescentes, no início do mês de fevereiro/2016, ocorreu outro entrave com a Fundação CASA, agora, de ordem administrativa (enquanto servidora). A carga horária de trabalho flexível, que a pesquisadora tinha para assistir as aulas do Mestrado não foi estendida para a realização da pesquisa de campo. Enquanto a situação dos horários não se resolvia, houve impedimento para dar continuidade à realização das entrevistas.

A situação só foi resolvida em abril, quando, finalmente, não havendo necessidade de mudança de horário na jornada de trabalho da servidora, foi autorizada a retomada da pesquisa, por quantos dias fossem necessários, desde que, fossem realizadas em horário estabelecido pela instituição, diariamente, das 08h00 às 9h30min, desde que se respeitasse a agenda multidisciplinar dos jovens, considerando a condição de não tirá-los das atividades, mas de utilizar os espaços vagos em suas agendas diárias.

Somente em abril/2016 após a resolução do impasse quantos aos horários para a realização das entrevistas, é que as mesmas foram retomadas, e pôde-se realizar completamente a coletada de dados, adiada em janeiro.

Foram nove meses de uma intensa jornada de submissões do projeto, em busca de todas as autorizações para bem realizar a coleta de dados que subsidia esta pesquisa.

O principal critério adotado para escolha dos adolescentes participantes da pesquisa foi contemplá-los nas três etapas de ensino oferecidas pela educação formal na Fundação CASA (Ciclo I, Ciclo II e Ensino Médio).

Quanto ao número de adolescentes a serem entrevistados, foram seis. A princípio o objetivo era entrevistar dois matriculados em cada etapa (Ciclo) de escolarização. Porém, isso foi readequado em virtude da demanda do Centro, que na ocasião da realização das entrevistas contava com apenas um aluno matriculado no Ciclo I, o segundo aluno havia sido desinternado naquela semana. Fui orientada pelo setor pedagógico do Centro, então, a atender um jovem que era concluinte do Ensino Médio, pois, dessa forma, contemplaria nas entrevistas jovens em todas as etapas de escolarização, inclusive um concluinte.

A escolha dos alunos foi por livre adesão, respeitando-se critérios de indicação do Centro, que consideraram, principalmente, a disponibilidade de agenda dos jovens, de forma que não houvesse prejuízos ou interferência nas atividades pedagógicas oferecidas de manhã pelo Centro, que consistem em oficinas culturais, cursos de qualificação profissional e atividades esportivas.

**Embasamento teórico metodológico**

A hipótese defendida na pesquisa foi a de que o sentido que o adolescente atribui ao trabalho escolar, no ambiente de internação, estaria ligado à possibilidade de desinternação, ou seja, à liberdade dos adolescentes. Frequentando a escola sem criar nenhum tipo de conflito, os jovens estariam cumprindo um dos requisitos inerentes à medida socioeducativa, fator que os aproximaria de sua liberdade, e do retorno ao meio aberto.

A confirmação da hipótese se deu por meio dos dados coletados ao longo da realização das entrevistas, e a frase que configura o título deste artigo, dita por um dos jovens “A escola é o corre pra você ir embora” aponta indícios de como é a relação destes alunos com a escola no ambiente privativo de liberdade. Porém, para além da confirmação da hipótese, que configura uma relação utilitarista com a escola, surgem outras impressões por parte dos adolescentes entrevistados, acerca de como essa relação se estabelece também de uma forma positiva.

O referencial teórico adotado como ferramenta para análise dos dados, obtidos na pesquisa de campo, baseou-se em conceitos estabelecidos pelos autores Perrenoud (ofício de aluno e sentido do trabalho escolar) e Charlot (relação com o saber).

A instituição escolar fomenta uma relação utilitarista do aluno com o saber. O trabalho escolar exigido pelo professor não corresponde a uma necessidade pessoal do aluno, e sim às expectativas da escola, é efetuado sob constante vigilância e é avaliado, ou seja, as tarefas resultam de uma lógica de controle por parte da instituição escolar (PERRENOUD, 2005). Os efeitos perversos desse exercício de ofício de aluno são minimizados, de acordo com Perrenoud (1995), quando a atividade didática é realizada com sentido e utilidade pelo aluno.

O sentido do trabalho escolar, para Perrenoud (1995) não está dado, constrói-se, a partir das relações do aluno com a cultura, com valores, representações e em situação de interação. O sentido está ligado à sua visão de mundo, de realidade, de necessidade, de desejos.

O ofício de aluno pode evoluir para uma atividade com mais sentido se o ofício de professor evoluir paralelamente para uma maior autonomia e responsabilidade, pois de distribuidor do saber, este passa a criador de situações de aprendizagem, organizador do trabalho escolar.

O conceito de relação com o saber, estabelecido por Charlot (2005), não traz respostas, mas apresenta-se como uma problemática, um conjunto de questões, que considera nesta relação, o sujeito indissociavelmente humano, social e singular, possuidor de uma história, que vive experiências e dá sentido ao mundo. A relação com o saber é a relação com o mundo, com o outro e consigo mesmo de um sujeito que se defronta com a necessidade de aprender.

A questão do saber é central na escola. A escola é um lugar onde professores estão tentando ensinar coisas para alunos e alunos tentando adquirir saberes. Aí está a definição fundamental da escola. Trata-se de um saber num sentido geral, que inclui imaginação, exercício físico, estético e sonhos também (CHARLOT, 2002).

Para situar o lócus da pesquisa e o tema da institucionalização vivenciada pelos adolescentes que cumprem medida socioeducativa de internação, considerar-se-ão os escritos de Goffman (2008), acerca das instituições totais e Foucault (1997), acerca do aparelho institucional que restringe a liberdade dos indivíduos, com a finalidade de torná-los dóceis e úteis, por meio de um trabalho disciplinar intenso aplicado em seus corpos.

Goffman (2008) realiza um importante estudo acerca das instituições, enfatizando as instituições totais. Neste estudo define tais instituições, agrupando-as de acordo com suas principais características, analisando-as sob a ótica do mundo do internado e também da equipe dirigente. Porém, o principal foco de sua pesquisa é o mundo do internado e a versão sociológica da estrutura do eu é seu interesse fundamental.

Nesse sentido, à luz das proposições de Goffman (2008), a Fundação CASA pode ser considerada uma instituição total, pois os adolescentes nela internados têm uma barreira física com o mundo externo. Seus centros de internação são locais onde residem um número de indivíduos, com situação semelhante, separados da sociedade ampla, que levam uma vida fechada, administrada formalmente.

Para Goffman (2008) a institucionalização total dos indivíduos traz profundas mutilações ao “eu”, sendo a barreira colocada entre o internado e o mundo externo a primeira delas. No momento da admissão do internado, ao adentrar à instituição, é obrigado despojar-se dos papéis que desempenhava no mundo externo e realizar atividades por meio de uma participação automática na instituição. Na vida do internado há uma profunda ruptura com seus papéis anteriores e o seu eu é sistematicamente mortificado.

Goffman (2008) acredita que uma boa forma de conhecer o mundo da institucionalização é submetendo-se à companhia de seus participantes. E isto, de certa forma, foi realizado quando da realização da pesquisa de campo. Foi necessário grande esforço por parte da pesquisadora para distanciar-se do papel de pedagoga da instituição e assumir o papel de pesquisadora, estando com os jovens por alguns momentos, interferindo na rotina estabelecida pela instituição, ouvindo-os acerca de suas percepções sobre a escola.

Em um trabalho como este, que versa sobre jovens institucionalizados, privados de liberdade, conforme determinação do sistema judiciário, é relevante considerar a contribuição dos estudos de Foucault (1997) acerca da lógica de poder sobre o corpo, que se instaura sob o viés da privação de liberdade em instituições disciplinares, quaisquer que sejam elas, principalmente nas prisões.

Cabe ressaltar, que, neste trabalho, considera-se a diferença existente entre o sistema prisional brasileiro e o sistema de medidas socioeducativas, e que algumas proposições do autor podem auxiliar também na compreensão do sistema socioeducativo, que em parte de sua essência, é privativo de liberdade.

Foucault (1997), acerca da disciplina, afirma que tem por objetivo fabricar corpos dóceis, que podem ser transformados e aperfeiçoados, úteis a uma economia de poder que se estabelece por meio da submissão do indivíduo. As disciplinas asseguram, dessa forma, a ordenação das multiplicidades humanas.

O espaço institucional da Fundação CASA segue essa lógica. Os centros atendem, em média, 64 adolescentes, submetendo-os a uma rotina disciplinar que controla suas vidas desde o seu despertar até o adormecer, de acordo com os objetivos da instituição, que contemplam a escolarização, profissionalização entre outras práticas educativas, permeadas pela disciplina e controle, embora envoltas pelo viés pedagógico. O caráter de contenção se faz presente e configura o espaço arquitetônico da instituição, e os sujeitos aí internados, incorporam isso.

**“A escola é o corre pra gente ir embora”**

A análise dos dados coletados foi realizada em dois momentos. O primeiro, configurou uma apresentação dos jovens, baseada em suas singularidades[[1]](#footnote-1). O segundo, configurou-se, a partir de quatro eixos de análise, estabelecidos com base no roteiro norteador das entrevistas, nos conceitos extraídos do referencial teórico, que nortearam esta pesquisa e nas regularidades das respostas apresentadas pelos jovens durante as entrevistas. Os eixos estabelecidos para análise dos dados foram as seguintes:

1) Histórias singulares - origem sociofamiliar e incentivo à escolarização;

2) Trajetórias escolares e relação com a escola antes da internação;

3) Relação com o saber na escola na Fundação CASA;

4) Expectativas para o futuro.

Neste artigo, serão discutidos os resultados obtidos nos eixos 2 e 3 que contemplam as relações dos adolescentes com a escola em suas trajetórias e as impressões que possuem destas relações.

Dos seis jovens entrevistados, cinco apresentaram trajetórias marcadas por situações de reprovação, abandono e expulsão do ambiente escolar, culminando com uma notória defasagem idade/série.

Apenas o jovem Vinícius concluiu o Ensino Médio no tempo regular previsto e, estabelecia uma relação não conflituosa com a escola, provavelmente em relação das condições objetivas de vida mais favoráveis que possui e do forte incentivo e apoio recebido de sua mãe.

Os excertos selecionados, apontados a seguir, apresentam regularidade quanto à frágil relação estabelecida entre os cinco jovens e a escola. A experiência escolar, segundo os relatos, configurou-se de forma negativa, ao longo dos anos, com ausência de sentido. Charlot (2002) e Perrenoud (1995) auxiliam na compreensão do que ocorreu nas trajetórias vivenciadas por estes jovens, que culminaram com o desgosto pela escolarização.

“[...] desde 2010 estou fora da escola... fui expulso e não estudei mais... não tenho lembranças positivas... sempre fui atentado na escola... os professores pensavam que eu ia ser atentado pra vida inteira, já determinavam o futuro da pessoa” (RAFAEL, 18 anos, 6º Ano).

“Me envolvi muito cedo com o crime e não dei atenção pra escola... fui ficando atrasado... repeti três vezes a 4ª Série... nunca fui expulso... cabulava... cabulava... quando ia! (WELLINGTON, 19 anos, 8º Ano).

“Não fui alfabetizado quando era pequeno...fui reprovado uma vez na 5ª Série, depois eu abandonei a escola. Pensava que a escola enchia o saco... dei trabalho. A escola queria minha transferência, eu não... aí falei que não ia mais estudar e parei, mais ou menos em 2010/2011... Lembrança boas eu não tenho não... eu dava trabalho, não fazia nada... ia sempre pra Diretoria... cheguei a ser expulso, uma vez” (MATHEUS, 18 anos, 8º Ano).

“Repeti a 7ª e 8ª Série uma vez e fui expulso duas vezes da escola. Não fazia nada lá fora, era só presença.... eu não dava muita atenção. Não abandonei a escola, mas faltava demais” (LUCAS, 19 anos, 3ª Série do E.M).

“Sempre fui bagunceiro na sala de aula. Fui expulso duas vezes... não gosto de estudar, não senhora. Não tenho nenhum interesse... para ser sincero, desde pequeno mesmo, não suportava fazer lição... repeti a 5ª Série, abandonei a 6ª e a 7ª Série” (Kleiton, 18 anos, 9º Ano).

Charlot (2002) aponta a necessidade de existir na escola uma aventura intelectual para os alunos, pois estes reclamam que tudo é sempre igual, que não aprendem nada, que vivem uma monotonia. E nessa aventura, a questão do saber é central, pois a escola é um lugar onde professores estão tentando ensinar e alunos tentando aprender, em sua essência, é um lugar de saber. Esse saber, num sentido geral, pressupõe imaginação, exercício físico, sonhos, atividades prazerosas, que causem interesse nos alunos, que tenham sentido. A fragilização da relação com a escola passa a existir quando a escola se nega a proporcionar essa aventura intelectual.

Segundo Perrenoud (1995) a construção do sentido é vital para o aluno sobreviver longos anos na escola. Experiências como as vivenciadas pelos cinco adolescentes mostram que o trabalho escolar desenvolvido por eles não teve sentido, pois na relação que estabeleceram com a escola, não lhes foi concedido espaço de iniciativa, de autonomia, de negociação, de sonho.

O jovem Vinícius, de acordo com seus relatos, demonstra uma experiência escolar não tão fragilizada como a dos demais entrevistados, e sua trajetória escolar foi marcada positivamente, principalmente pelo incentivo dos familiares. Ao ser indagado sobre gostar de estudar, respondeu “Gostar? Não. Mas, sou dedicado, gosto de aprender as coisas quando o foco me interessa”.

O sentido constrói-se sobre o vivido, em situação, afirma Perrenoud (1995). Nessa construção, o diálogo tem grande relevância, pois, por meio dele, é possível negociar com os alunos a estruturação da situação didática, e lidar com mecanismos que estão em jogo, como o desinteresse, a fuga, o medo, a resistência e a hesitação dos alunos.

As trajetórias dos jovens foram marcadas por situações de violência e conflitos na escola. Os relatos de brigas foram mencionados como lembranças negativas, por quatro dos entrevistados. A situação de violência e conflitos permeou tanto a relação estabelecida com outros alunos quanto com professores, conforme pode-se observar nos excertos a seguir:

“As brigas, a gente brigava na escola... brigas por causa de meninas, pra defender colegas... mexeu com um mexeu com todos. (WELLINGTON).

“Eu batia muito em moleque (...) Teve um professor que me ameaçou, também ameacei ele...o professor fez B.O contra mim” (MATHEUS).

“Lembranças negativas? Discutir com os professores... brigas no final da aula entre os alunos... Fui expulso da escola duas vezes, da primeira por me envolver em briga e da segunda por explodir uma bomba de gás na escola... Da segunda vez deu delegacia... foi mais sério” (LUCAS).

“Lembranças? As brigas, desentendimentos e expulsões” (KLEITON).

Charlot (2002) afirma que, numa escola em que os alunos têm o prazer de estudar, de aprender, o fenômeno da violência não se encontra ou pouco se encontra. Segundo o autor, uma parte importante do problema da violência provém da relação com o saber, e pode ser compreendida se essa questão for levada em consideração.

Os excertos acima trazem as marcas da violência no ambiente escolar, experenciadas por quatro dos jovens entrevistados. Considerando a reflexão apontada por Charlot (2002), percebe-se a relevância de se estabelecer uma relação positiva com o saber, na qual os alunos sintam gosto, desejo, pelas atividades escolares, de forma que estas tenham objetivo e motivo para sua realização, ou seja, tenham sentido. Do contrário, as situações de violência permanecerão.

Os achados nesta pesquisa, acerca da trajetória escolar, se assemelham ao que foi apresentado por Priuli e Moraes (2005) e Teixeira e Onofre (2009), ou seja, trajetórias marcadas por exclusão do e no ambiente escolar. Se aproximam também do que Dias (2011, 2013) verificou sobre as situações de violência vivenciadas pelos jovens no ambiente escolar.

A contradição permeia a relação que estes jovens estabelecem com a escola. Durante o cumprimento da medida de internação, a experiência escolar truncada, marcada por aspectos negativos, torna-se, de algum modo, positiva:

“Eu entrei aqui... não sabia ler direito não... agora tô mais ou menos. Escrever, tô aprendendo. Antes eu não gostava... agora eu peguei o gosto... aprendi a gostar aqui na internação” (WELLINGTON).

“Foi na Fundação que eu aprendi a ler! Sabia algumas coisas quando eu cheguei aqui – ba, be, bi, bo, bu – mas aqui aprendi a ler... Lá fora eu nunca peguei um livro pra ler, nunca peguei, vim pegar aqui dentro. [...] Eu aprendi muita coisa boa... eu não acreditava muito em mim, achava que eu não tinha potencial” (MATHEUS).

“Às vezes eu começava a ler e não entendia... Tá me ajudando bastante... hoje eu tenho um entendimento do livro” (RAFAEL).

De acordo com Charlot (2002) aprender é mudar, formar-se é mudar. Os relatos dos jovens apontam para mudanças ocorridas em sua relação com o saber. A leitura, era o mínimo que esses jovens deveriam ter aprendido anteriormente, porém, essa atividade só passou a ter sentido, a partir do momento em que estabeleceram uma nova relação com a escola.

Em suas falas, os jovens referem viver uma relação diferente com a escola no contexto de privação de liberdade. Pessoa e Coimbra (2016) em seus achados de pesquisa, identificaram o surgimento de aspectos positivos em relação às ações educativas, organizadas no ambiente restritivo de liberdade, principalmente em relação a educadores, informação que, segundo os pesquisadores, abre margem para novas questões investigativas.

Segundo os jovens participantes desta pesquisa, essa nova relação se estabelece, devido à atenção dada pelos professores em sala de aula. Charlot (2002) afirma que o sujeito só aprende pela mediação do outro, e Perrenoud (1995) considera relevante redefinir o papel do professor, de distribuidor do saber, este passa a ser criador de situações de aprendizagem.

“[...] A principal diferença é a atenção... aqui nós ‘tem’ mais atenção... mais tempo pra estudar... não tem como faltar...cabular [...] acho que aqui é mais próxima a relação” (WELLINGTON).

“[...] Os professores têm mais liberdade, não têm 40 alunos... Aprendi muita coisa em um, dois anos... A escola eu parabenizo [...] a relação com os professores é melhor. [...] lá fora o professor é mais coagido, se sente ameaçado... não tem liberdade... tem medo de agressão, de ser agredido com uma cadeira. Aqui dentro, sentem-se mais seguros, tem um segurança na porta. [...] Aqui dentro eles criam vínculo... não sei se por dó [...] as professoras sentem um pouco na pele, colocam-se no nosso lugar... mais as senhoras” (VINÍCIUS).

“[...] é mais significativa uma professora só... lá fora é uma para 40... mas depende da professora [...] favorece sim, querendo ou não, tenho bem mais atenção” (RAFAEL).

“[..] Eu penso que os professores dão mais valor... lá fora tem professor que não dá atenção... aqui são poucos alunos... mas tem professor que é a mesma coisa que lá fora, não muda nada. [...] Lá fora você não aprende nada... os professores não dão atenção. [...] Aqui a relação é mais significativa, tem mais respeito... não tem nada a ver com obrigatoriedade” (MATHEUS).

“Aqui dentro são mais próximos, aqui conseguem fazer melhor” (KLEITON).

“É mil maravilhas em comparação com lá fora... só de ter 12 adolescentes na sala fica mais fácil para o professor explicar e para o adolescente aprender... fica mais fácil de aprender as coisas [...] são poucos adolescentes... tem professores que querem ensinar, a maioria... não todos.

[...]Tem professor que faz uma atividade diferenciada, porque sabe que você tá avançando...mas não são todos. [...] Tem um professor de Matemática que se preocupa mais... cria maneiras pra que a gente entenda... ele fala: vocês têm que aprender” (LUCAS).

Os jovens apontaram aspectos relevantes que colaboram para a qualidade da relação que estabelecem com a escola no ambiente de internação, dentre eles, a quantidade de alunos por sala que, por ser reduzida, contribui para que o professor esteja mais próximo dos alunos, lhes dê mais atenção e para que o trabalho escolar seja realizado com sentido, visto que é construído por meio da situação vivenciada pela turma, do atendimento de algumas de suas necessidades, dentre as quais, apresenta-se a alfabetização e a leitura.

Nesse sentido, esta pesquisa aponta para a importância da relação estabelecida entre professor e aluno, como potencializadora da relação com o saber. No entanto, para que se estabeleça essa relação positiva, as condições de trabalho docente são extremamente relevantes, e os relatos trazidos pelos jovens apontam para a precarização deste trabalho ao longo das experiências que tiveram em suas trajetórias escolares.

Sampaio e Marin (2004) em estudo, apontam algumas das facetas relacionadas às condições de trabalho que contribuem para a precarização do trabalho docente e causam efeitos sobre a prática do trabalho escolar, dentre as quais, destacam-se o tamanho das turmas, a razão entre professor/alunos, a carga horária de trabalho e ensino e a rotatividade/itinerância dos professores pelas escolas. De algum modo, todas essas facetas contribuíram para as histórias de escolarização truncadas vivenciadas pelos adolescentes entrevistados. Por outro lado, a partir da experiência com a escola no ambiente socioeducativo constata-se que, melhores condições em relação ao tamanho das turmas, permitem a realização de um trabalho escolar com maior qualidade, inclusive, reconhecido pelos alunos, que vivenciaram as duas experiências com a escola, podendo tecer comparações.

A questão da atividade diferenciada, citada pelo adolescente Lucas, pressupõe uma preocupação do professor com cada aluno em sua singularidade, dentro de uma sala multisseriada e colabora para que o jovem tenha interesse pela disciplina.

A escola exerce pressão sobre a vida e trabalho do aluno, como afirma Perrenoud (1995), e para lidar com essa pressão, o aluno estabelece uma relação estratégica ou tática com a escolarização e utilitarista com o saber, na qual a lógica não é compreender ou aprender para seu próprio prazer, mas sobreviver.

De todo modo, mesmo estabelecendo uma relação mais positiva com os estudos, a dupla institucionalização escola/Fundação CASA aponta para uma relação utilitarista da escola pelo aluno. Até mesmo porque a relação estabelecida entre esses jovens e a escola durante a internação interfere diretamente em sua desinternação, ou seja, em sua liberdade, posto ser item avaliado pela equipe técnica da Fundação CASA.

Diante dessa dupla institucionalização, vivida pelos jovens internados na Fundação CASA, o ofício de aluno torna-se ainda mais intenso, a questão da sobrevivência nas duas instituições vem à tona e, os jovens adotam estratégias para participar do jogo.

Frequentar a escola é um dos requisitos inerentes ao devido cumprimento da medida socioeducativa, e a participação ou não dos jovens é informada ao Judiciário, por meio de relatórios multidisciplinares, que contemplam não só a questão da escolarização, mas também aspectos psicossociais, disciplinares e de saúde. Logo, se o adolescente não cumprir com o requisito da escolarização, estará adiando sua desinternação.

“A escola é o corre pra você ir embora. Para a maioria, é mais pra ir embora mesmo... se você quer ir embora, tem que passar pela escola. Tá ligada à questão do relatório” (LUCAS).

“A maioria vem por obrigação. Tá muito ligada ao relatório, mais pra ir embora mesmo” (VINÍCIUS).

“ Pra ir embora, senhora... ajuda... é o que o juiz quer... é o que ele quer que nós ‘faz’(WELLINGTON)”.

“ Tem moleque que vai pra escola só pra subir o conclusivo... Vou à escola pra aprender e pra subir o conclusivo! Se eu não for pra escola, eu não vou embora... eu até vou embora, mas vai demorar (MATHEUS)”.

“Cumpro mais por obrigação mesmo... A gente faz as coisas por obrigação. Para mim, não importa, é o que ajuda a ir embora (KLEITON)”.

Tal como afirma Perrenoud (1995), a instituição escolar fomenta uma relação utilitarista do aluno com o saber. Exige-se do aluno um trabalho escolar que não corresponde a uma necessidade pessoal do aluno, e sim às expectativas dos adultos, e no caso da escola no ambiente de internação, às expectativas da equipe multidisciplinar e do Judiciário. O trabalho escolar é efetuado sob constante vigilância e é avaliado, resulta de uma lógica de controle por parte das instituições escolar e socioeducativa.

O exercício intensivo do ofício de aluno pode produzir efeitos perversos, como preocupação com notas ou com juízos e violência impostos pelos adultos, e pode ainda, estar envolto por constrangimentos e por trás da justificativa “é para o teu bem” (PERRENOUD, 1995).

Assim, como apontado na pesquisa desenvolvida por Dias (2014), as falas dos adolescentes relacionaram a ida à escola com a liberdade dos jovens.

**Considerações finais**

O caminho percorrido para a realização desta pesquisa foi bastante sinuoso, principalmente no que se refere às autorizações necessárias para a realização da pesquisa de campo, que previa entrevistar seis adolescentes internados na Fundação CASA. As dificuldades enfrentadas evidenciam o esforço das instituições totais por permanecerem fechadas ao mundo exterior.

A trajetória de idas e vindas, deferimentos e indeferimentos permitiu compactuar com a afirmação de Charlot (2002) direcionada a jovens pesquisadores, de que às vezes, a pesquisa é também um confronto político com as autoridades, e quem quer vida tranquila e acesso às honras oficiais que desista de ser pesquisador ou que apenas faça de conta que pesquisa.

Por ter origem, a partir da experiência da pesquisadora como pedagoga na Fundação CASA, a pesquisa exigiu um exercício de objetivação e afastamento, dada a proximidade da pesquisadora ao objeto de estudo, o que se configurou como um desafio. Porém, foi esta condição que possibilitou o questionamento que configurou o problema desta pesquisa.

A análise dos dados coletados permitiu constatar que o sentido atribuído ao trabalho escolar, pelo adolescente em cumprimento de medida de internação está relacionado à questão de sua desinternação, configurando-se por meio de uma relação utilitarista, e por outro lado, para além dessa relação estratégica, o trabalho escolar adquire sentido ao proporcionar, contraditoriamente, no ambiente de privação de liberdade, uma nova relação destes jovens com a escolar, e consequentemente com o saber, conforme seus relatos.

Os dados auxiliaram na compreensão das trajetórias escolares vivenciadas por esses jovens, antes da internação, e apontaram para a fragilidade da relação estabelecida com a escola, marcada negativamente na história de cinco, dos seis jovens entrevistados, que relataram experiências de violência, abandono, reprovações e expulsões do ambiente escolar. Em contrapartida, verificou-se o estabelecimento de uma nova relação destes jovens com a escola, a partir da internação, marcada de forma positiva, caracterizada pela relação mais próxima estabelecida com os docentes.

Cabe destacar que, a hipótese, de trabalho foi confirmada, uma vez que os jovens entrevistados atrelaram a relação estabelecida com o trabalho escolar à sua desinternação, usando para tanto, diversas colocações, que convergiram para o mesmo sentido: “a escola é o corre pra você ir embora", “está ligada ao relatório”, “é o que o juiz quer”, “se não for à escola não vai embora”, “é o que ajuda a ir embora”. Todas essas afirmações trazidas pelos jovens apontam para uma relação estratégica com a escola, que favorece sua liberdade, se for devidamente obedecida.

Os eixos de análise estabelecidos, apontaram como resultados, por um lado, uma relação truncada destes jovens com a escola, anterior à internação, cujas trajetórias foram permeadas por situações de violência, abandono, reprovações e expulsões, e contraditoriamente, por outro lado, evidenciaram que, de algum modo, no ambiente de internação, estabelecem uma nova relação com a escola, que se mostra positiva, embora também seja utilitarista.

O que caracteriza essa relação como positiva, segundo os jovens pesquisados, é a atenção dada pelos professores, justificada principalmente pela quantidade reduzida de alunos em sala de aula, que permite maior aproximação do professor com os alunos. No entanto, não se pode esquecer que essa relação mais positiva ocorre num ambiente de restrição de liberdade, e segundo Goffman (2008) de anulação do sujeito, ou seja, é uma relação marcada pela opressão, comprometendo o potencial formativo da educação escolar e do contato com o conhecimento.

De todo modo, pode-se afirmar que, esta pesquisa aponta para a importância da relação estabelecida entre professor e aluno, como potencializadora da relação com o saber. E, para que se estabeleça essa relação positiva, as condições de trabalho docente são extremamente relevantes, e os relatos trazidos pelos jovens apontam para a precarização deste trabalho ao longo das experiências que tiveram em suas trajetórias escolares.

A partir da experiência com a escola no ambiente socioeducativo constata-se que, melhores condições em relação ao tamanho das turmas, permitem a realização de um trabalho escolar com maior qualidade, inclusive, reconhecido pelos alunos, que vivenciaram as duas experiências com a escola, podendo tecer comparações.

Esse trabalho revela, para esses adolescentes, uma escola que tem duas faces, uma exclui e outra acolhe seus alunos, e o mais perverso é que esse acolhimento ocorre num momento em que esses alunos estão contidos e submetidos.

Permite também o questionamento acerca da escolarização fora do ambiente de internação, que contraditoriamente, está ligada aos aspectos negativos das trajetórias vivenciadas pelos alunos. Que escola é essa? Em que condições estão os docentes? Os achados dessa pesquisa indicam, como em outros estudos, que a qualidade do trabalho escolar está atrelada às condições de trabalho dos docentes.

Indica também o já apontado por outros autores, ou seja, que a escola é espaço de perpetuação das desigualdades sociais, não conseguindo contribuir para que os estudantes que possuem condições de vida menos favoráveis estabeleçam uma relação positiva com a escola. Contraditoriamente, apenas quando em situação de privação de liberdade conseguem estabelecer algum vínculo com a escola e que por certo é provisório, como demonstram as várias idas e vindas desses adolescentes para a Fundação Casa. Ainda, não se pode esquecer que a escola na Fundação CASA tem por obrigação dar conta de um direito que foi tomado desses jovens, o direito à escola; e que a efetivação ou não das expectativas destes jovens frente ao futuro não depende só da escola, mas de suas condições concretas de vida.

**Referência bibliográficas**

CARVALHO, Valéria Regina Valério de. **O sentido do trabalho escolar para o adolescente em cumprimento de medida socioeducativa de internação**. 2017. 188f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de São Paulo, 2017. Disponível em < http://ppg.unifesp.br/educacao/defesas-1/formularios/dissertacoes/2017/valeria-regina-valerio-de-carvalho>. Acesso em: 25 abr. 2017.

CHARLOT, Bernard. Relação com a escola e o saber nos bairros populares. **Revista Perspectiva**. Florianópolis, SC: edição especial – leituras sociológicas em educação 2002. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/perspectiva/article/viewFile/10237/9476>. Acesso em 05 mar. 2015.

\_\_\_\_\_\_\_\_. **Relação com o saber: formação dos professores e globalização**: questões para a educação hoje. Porto Alegre: Artmed, 2005.

DIAS, Aline Fávaro. Entre sociabilidade e movimentos de resistência: o significado da educação escolar para jovens autores de ato infracional. **RevistaEletrônica de Educação**, São Carlos, v.7, n.1, mai. 2013. Disponível em <http://www.reveduc.ufscar.br/index.php/reveduc/article/viewFile/649/254>. Acesso em 20 dez. 2015.

\_\_\_\_\_\_\_\_. **O jovem autor de ato infracional e a educação escolar**: significados, desafios e caminhos para a permanência na escola. 2011. 100f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós Graduação em Educação, Universidade Federal de São Carlos, 2011. Disponível em < https://repositorio.ufscar.br/handle/ufscar/2580>. Acesso em: 08 mar. 2015.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir.** 32 ed.Rio de Janeiro, RJ: Vozes: 1997.

GOFFMAN, Erving. **Manicômios, prisões e conventos**. 8ed. São Paulo: Perspectiva, 2008.

PERRENOUD, Philippe. **Ofício de aluno e sentido do trabalho escolar**. Porto: Porto Editora, 1995. Coleção Ciências da Educação.

PESSOA, Alex Sandro Gomes; COIMBRA, Renata Maria. O “traficante” não vai à escola: processos de escolarização de adolescentes com envolvimento no tráfico de drogas. **Revista Educação em Questão.** Natal, vol. 54, n.42, p. 190-217, set/dez. 2016.

PRIULI, Roseana Mara Aredes & MORAES, Maria Silvia de. Adolescentes em conflito com a lei. **Revista Ciência e Saúde Coletiva**, vol. 12, n. 5, p. 1185-1192, 2007. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/csc/v12n5/09.pdf>. Acesso em 06 mar. 2015.

SAMPAIO, Maria das Mercês Ferreira; MARIN, Alda Junqueira. Precarização do trabalho docente e seus efeitos sobre as práticas curriculares. **Educação e sociedade**. Campinas, vol. 25, n.89, p. 1203-1225, set/dez, 2004. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/es/v25n89/22618.pdf>. Acesso em 01 dez. 2016

TEIXEIRA, Joana D’Arc; ONOFRE, Elenice Maria Cammarosano. A escolarização de jovens autores de ato infracional. **InterMeio**. Campo Grande, vol. 15, n. 29, p. 164179, jan/jun, 2009. Disponível em http://www.intermeio.ufms.br/ojs/index.php/intermeio/article/view/80>. Acesso em 05 set. 2016.

TRIVIÑOS, Augusto. **Introdução à pesquisa em Ciências Sociais:** a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 1987.

1. Os seis adolescentes entrevistados na pesquisa participaram voluntariamente, foram orientados em relação aos procedimentos adotados para a realização da coleta de dados, dentre eles a garantia do sigilo quanto às informações prestadas e sua identificação. Escolheram nomes fictícios para que pudessem ser identificados na pesquisa e, serão tratados por estes nomes, nos excertos apresentados, a seguir. [↑](#footnote-ref-1)